



ATAÍDE, AQUELE QUE “SE SERVE DO OUTRO”: NARRATIVAS QUE COMPÕEM O IMAGINÁRIO HOMOERÓTICO DE BACURITEUA (PA).

Camilla da Silva Souza¹

Resumo: O presente trabalho analisa narrativas sobre o mito do Ataíde na comunidade de Bacuriteua (PA). Nesse contexto, Ataíde personifica um elemento que camufla práticas consideradas tabu na vila, ou seja, práticas homoeróticas masculinas. A partir de uma pesquisa etnográfica na comunidade foi possível desvelar elementos que constituem o imaginário acerca das relações homoeróticas masculinas vinculadas às relações de trabalho na coleta de caranguejo, no qual o mito está intimamente relacionado, e sociabilidades desse espaço cultural. Para tanto, traz-se o gênero enquanto chave de análise para possibilitar uma leitura dessas interações. Para análise dos dados utiliza-se como referenciais teóricos: Gilbert Durand (2010), Mircea Eliade (1992), Gaston Bachelard (1989), Judith Butler (1990), dentre outros.

Palavras-chave: Homoerotismo, Imaginário, Mito.

As culturas, sempre no plural, estão em movimentos constantes, no qual, os grupos estão em processo ininterrupto de interação, de modo a criar, produzir representações simbólicas acerca de sua realidade, construindo novas ‘artes’, “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1994). Nesse sentido, investigar como se dão tais processos de subjetivação é verificar a diversidade de linguagens e saberes dos grupos humanos. Trazendo essa reflexão para um contexto amazônico, no qual, o homem e a natureza estão numa espécie de simbiose (interligados) é compreender que a dicotomia cultura *versus* natureza deve ser desconsiderada. Desse modo, a análise do presente artigo concentra-se em Bacuriteua, comunidade da região bragantina do estado do Pará.

A Vila de Bacuriteua constitui-se heterogeneamente de uma população de pescadores e coletores de caranguejos, vale frisar, que no próprio lugar há certa divisão territorial definida pelos próprios moradores, onde os coletores de caranguejos² situam-se predominantemente na “Pontinha do Bacuriteua”, ou seja, próximo à beira do Rio

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, da Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança. camillasouza_69@hotmail.com.

² Há mobilidades no trabalho dos caranguejeiros, pois muitos deles desempenham também a pesca artesanal.

Caeté, enquanto que os pescadores estão no “centro da vila” perto da estrada (rodovia PA-458 que corta a comunidade na direção da praia de Ajuruteua), como pode ser observado no mapa da figura 1.

Localizada aproximadamente a 9 km findada a área urbana da cidade de Bragança/PA, à margem esquerda do Rio Caeté, trata-se de uma das comunidades mais populosas do município citado. O local é propício para a pesquisa tendo em vista a menor distância para a realização do trabalho de campo, assim como, o fato de ser um “entre-lugar” que está ao mesmo tempo perto do “urbano” e do “rural”, mais precisamente das águas e de todo o imaginário mítico que a permeia. Um dos motivos iniciais da pesquisa foi perceber no discurso de alguns pescadores, o distanciamento ao dizer “aqui não tem gay”. E observar, na cadeia de complexidades, como o mito do Ataíde personifica um elemento que camufla práticas consideradas tabu na vila. Ataíde, de acordo com relatos, é um ser que possui um grande órgão sexual masculino que ataca homens que estão sozinhos no mangue, no mato, perto de embarcações na água. Mas, o mote propulsor da pesquisa concentra-se nas desigualdades sofridas pelos homoeróticos masculinos, como o fato de ter dificuldades nas relações de trabalho, resultando, por vezes, em casos de prostituição; agressões físicas e verbais; e preconceitos diversos. Uma demanda social que se apresentou de forma escancarada.

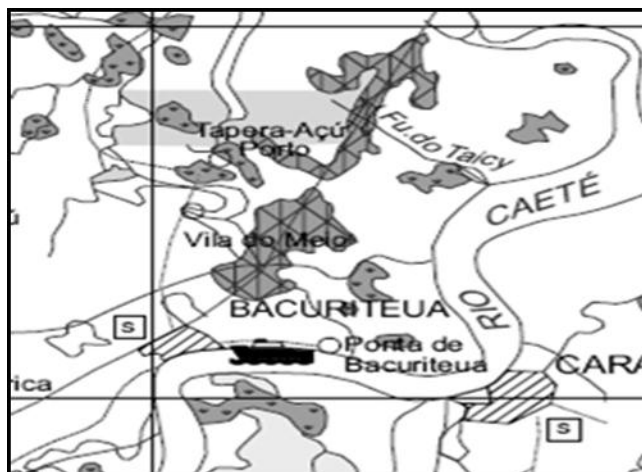


Figura 1: Localização da área de estudo retirado do *site* do Ministério de Minas e Energia.

As narrativas que serão analisadas ao longo do texto são especificamente dos coletores de caranguejo já que o mito em questão está diretamente ligado ao espaço do manguezal, lugar onde se realiza a coleta de caranguejo. Dessa forma, verificar como o imaginário mítico é pautado pelas relações homoeróticas, e como se configura a partir disso o trabalho na coleta de caranguejo e a vida social de Bacuriteua (PA) é trazer o

gênero enquanto chave de análise para possibilitar uma leitura dessas interações. “O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana (SCOTT, 1990, p. 89)”, explicitando que o gênero corporifica um campo onde o poder se articula. Desse modo, o pensamento de Judith Butler (2003) vem corroborar na medida em que concebe o gênero enquanto um constructo social; apesar da autora não mencionar em sua obra, também o corpo e o sexo são construídos culturalmente, contudo, nos apropriamos dessa noção concebendo que a ideia de sujeito, de bipolaridade, ser hetero ou homossexual são criações discursivas. Evidencia-se ainda que este trabalho perde de vista a “reafirmação do mito da comunidade”, isolada, aquém das relações com o mundo globalizado, essa pesquisa parte do local (Bacuriteua) sempre em relação com o global, ou seja, mostrar como se dão as tensões, as articulações, os movimentos dentro da comunidade implicam em compreender práticas desses grupos em outros lugares, ratificando que o intuito não é generalizar e/ou universalizar, mas, possibilitar a construção de reflexões acerca das especificidades de cada cultura, e que pesquisas como essa possam estabelecer elementos para a criação de políticas públicas que garantam direitos de acordo com as necessidades dos sujeitos em questão.

Um dos conceitos chave que permeiam o trabalho é o imaginário na perspectiva de Gilbert Durand (2010), sendo que um dos elementos desse conjunto de imagens produzidos pelo homem é o mito, logo, a abordagem de Mircea Eliade (1992). As narrativas orais apontam para as imagens que são construídas pelos sujeitos a fim de criar uma representação de práticas que não devem ser ditas, expostas. Assim, a perspectiva de Gaston Bachelard (1989) corrobora para a ideia de que a imaginação resulta de práticas da realidade, do mundo concreto, logo, parte-se do pressuposto de que o mito configura um simulacro de lógicas sociais, de modo que, o Atáide personifica práticas homoeróticas, entretanto, estas não podem ser desveladas. É esse processo inventivo dos sujeitos que será esmiuçado no presente artigo.

I. Meu lugar de enunciação e as tensões em campo

O campo de estudo da sexualidade e do gênero sempre requer do pesquisador melindres no trato com as discussões, não que os outros campos de saber das humanidades não mereçam o mesmo trato, mas, a dificuldade e o cuidado maior

concentram-se na própria pesquisa de campo. Muitos trabalhos³ discutem as adversidades insurgentes, e aqui não será diferente. Para iniciarmos as questões da pesquisa de campo é importante, preliminarmente, explicitar a utilização do termo homoerótico no contexto da pesquisa. Esse termo foi trazido pelos sociólogos e antropólogos que perceberam algumas confusões em torno da palavra homossexual. Homossexualidade faz referência ao relacionamento sexual entre pessoas do mesmo sexo, e vem sendo utilizada nos estudos perdendo de vista o contexto histórico, os valores da época, como se a mesma relação que acontecia na Grécia Antiga ocorresse nos dias de hoje, sem mudanças. Ao contrário:

Homoerotismo, que através das raízes de duas palavras gregas pode ser traduzida por “sexo (ou amor) entre iguais”, elaborado para pensar muito mais às ações e posturas a definir categorias aprisionantes dos sujeitos de sociedades que não viam diferenças num relacionamento entre o mesmo gênero ou entre diferentes gêneros (SOARES, 2008, p. 14).

Um dos autores brasileiros que estuda o homoerotismo masculino é o psicanalista Jurandir Freire Costa (1992) e ao longo de seu estudo explica as razões que o levaram a adotar o termo homoerotismo, um dos quais, a carga de preconceito de “ordem histórica”: “A palavra ‘homossexual’ está excessivamente comprometida com o contexto médico-legal, psiquiátrico, sexológico e higienista de onde surgiu.” (COSTA, 1990, p. 23). Desse modo, afasta-se do termo homossexual e apropria-se do vocábulo homoerotismo visando demonstrar os valores envolvidos nas relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo na comunidade de Bacuriteua.

A pesquisa de natureza etnográfica, em que a observação participante, a entrevista intensiva e a interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado se fazem necessários, o convívio com as pessoas na comunidade é imprescindível. Para tanto, o primeiro contato deu-se a partir de um trabalho de outro enfoque realizado por outros pesquisadores na mesma vila. Seguidamente, fui conhecer melhor a vila e deparei-me com Dona Inezila⁴ que me indicou as pessoas com as quais tinha interesse em conhecer, frisando que, para ela contei quais eram meus sujeitos de pesquisa. E foi a partir dessa convivência que pude observar, primeiramente, as consequências de minha

³ Ver *Caminhos de uma pesquisa acerca da sexualidade em aldeias indígenas no Mato Grosso do Sul*.

⁴ Dona Inezila, atualmente com 62 anos, é tesoureira da igreja de São Sebastião da Vila de Bacuriteua. Organiza o Festival do Marisco, festa de tradição na comunidade, e participou da criação da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçú-RESEX, do qual, Bacuriteua faz parte.

presença, já que sempre vou ser a estrangeira de Georg Simmel (1983), no sentido em que não nasci e nem moro no local. Seguidamente, as tensões entre os moradores que descreverei. Mas, um dos grandes problemas referente às relações de gênero e da própria constituição da pesquisa é: como eu (mulher, universitária) entrevisto, convivo com homens (coletores de caranguejo, pescadores, resistentes ao assunto), em situações, por exemplo, onde há lugares em que mulheres não adentram sob certas circunstâncias, como o mangue? Nas entrevistas exploratórias sobre o Ataíde, primeiramente os discursos referenciavam que o ser “mítico” atacava apenas as mulheres (em teoria), mas, no progredir das relações de confiança quando pedia que narrassem os ataques, os relatos concentravam-se apenas na presença de homens (atacados). Dito isto, é evidente que não conseguirei atingir a totalidade dos dados, e não representa meu interesse, mas, alguns dados não podem ser apreendidos por conta das diferenças de gênero nas relações com os moradores da comunidade.

Em relação à minha presença, parece-me que perturbava a ordem. Nos momentos, por exemplo, em que os homens estavam todos juntos, conversando, na casa de um *mnemon*, na “casa de forno” onde fazem farinha, etc. Quando chegava perto (nos primeiros contatos) as brincadeiras paravam e nas primeiras conversas eram sempre envoltas de certa desconfiança e no que diz respeito às relações homoeróticas na comunidade há um silenciamento. Outro aspecto interessante na mobilidade dentro da comunidade refere-se à casa onde eu estava, caso estivesse na casa de um homoerótico assumido todos olhavam-me com curiosidade e suspeita, sendo mal vista por alguns moradores. Uma estratégia para que isso não se repetisse foi a própria distância entre a Pontinha e o centro da vila, pois conversava com os coletores na Pontinha pela parte da manhã e à noite com os homoeróticos assumidos na vila. Ressaltando que na Pontinha, há precisamente dois homoeróticos assumidos e um destes é o filho de um caranguejeiro, no qual, eu conversava apenas à noite na vila.

É notório que a comunidade se reserva ao direito de não falar dos homoeróticos e, mesmo aqueles que se propuseram a dizer seus pontos de vista, ainda pouco detalham, pois é difícil falar. Observei isto quando o pai de um homoerótico assumido falou-me de seu filho, na conversa, as pausas sucederam-se uma após a outra, o que demonstra o sentimento de constrangimento e sofrimento percebido por mim e confirmado por ele. A tensão não está presente apenas nos dias de hoje, mas, quando Dona Raimunda que já foi parteira, contou-me que há uns vinte anos atrás um pajé e/ou

rezador chamada Odete, era um homem que se vestia de mulher e foi morto não se sabe o porquê. Quer dizer, reflete-se a atmosfera de negação da prática homoerótica, no entanto, é nessa negação que se encontra certa contradição, já que o Ataíde reafirma a presença das relações homoeróticas.

II. Constructos de poder: o “dito” e o “não dito” nas narrativas

Perceber que campos de poder constroem-se a partir da cultura, constituindo hegemonias, é também conceber que o gênero, o corpo e o sexo são constructos culturais e por sua vez produzem relações de poder. Acerca disso, Michel Foucault (1979) em “Microfísica do Poder” vislumbra o corpo como um dispositivo: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições (...). Em suma, o dito e não dito são os elementos do dispositivo” (p. 244). Imersa em discursos que envolvem poder, a sexualidade não pode ser vista como algo que o poder deve conter, mas, que do mesmo modo o opera num movimento recursivo. Foucault, portanto, (des)constrói o conceito pré-estabelecido de poder, no qual, alguns o têm e outros estão destituídos dele, evidenciando a capacidade de capilarização do poder, pois ele agencia, negocia trocas. É nessa perspectiva que Foucault afirma a presença de desejo e poder nos discursos aparentemente simples ou ditos “neutros”, ou seja, as intencionalidades por trás das práticas de linguagem humana. No tópico introdutório fez-se referência à negação da dicotomia cultura e natureza, observando que o homem ligado à natureza produz suas subjetividades, intrínsecas ao seu espaço de vivência. Assim, os tiradores de caranguejo demonstram em suas narrativas, a imagem mítica do Ataíde, sempre acionado no seu cotidiano, no trabalho, nas suas experiências em sociedade. E é a partir dessas narrativas que identificaremos os discursos implícitos. Começamos, então, a “escutar” as vozes de nossos três narradores, para em seguida, observarmos os ditos/não-ditos e quais as imagens relacionadas às práticas homoeróticas.

Os recortes escolhidos formam um cruzamento geracional, ou seja, os três⁵ narradores são de gerações diferentes. A primeira narrativa é do Senhor Benedito ou Tio Paquinha (como o chamam na comunidade), com 83 anos de idade, começou a tirar caranguejo desde os 10 anos de idade, também trabalhou na pesca, mas, atualmente não trabalha, visto suas condições de saúde. Ele e sua esposa, Dona Raimunda (84 anos), são os mais antigos da Pontinha do Bacuriteua. Observemos a seguir:

⁵ Todos os entrevistados deram autorização para a exposição de seus nomes.

Pergunto se ele tinha medo de ir sozinho para o manguezal - ⁶eh:: eu tinha né...mas era o jeito eu (risos)... eu tinha medo eh que::...no mangal aparece tanto::tanta::tanta movimento... eles dizem que aparecem um tal de Ataíde (risos)...que eu nunca vi e nem desejo (risos)...eh:: um bicho né...eh um bicho...eu me lembrava... mas eu lembrava também de Deus e os seus gemidos (risos)... mas graças a Deus nunca vi nada... (...) era os antigo...os velhos...meus avô... esses antigo daqui diziam que no mar...no mangal tem esse bicho...Ataíde...tal de Ataíde (risos) né...invisível...o bicho se:: se transforma em qualquer coisa né...às vezes se tem...olha:: seu coisa...seu marido... seu coisa...quando ele vê... ele se transforma no seu marido...eh::...ali no Caratateua tinha um::um cara que era filho de Ataíde...e o pessoal diziam né...eu digo porque eles diziam né...(..)porque o pai dele trabalhava na praia...então ele saia pro curral...e o cara vinha e se transformava no marido dela e vinha...

(...) ele é um *HOMEM*...um homão grande...Deus o livre...ele é *GRANDão*...um pretão...(..)então ele eh um casal... (...)ai eu tenho muito medo...mas::como conto a história...era o jeito né... não tinha companheiro pra ir...mas Deus me livrava...uma hora dessa sete horas eu tava no mangal... aí secava na cabeceira do garapé...só saía quando a maré dava...dava lá pras duas horas...três horas da tarde...eh que eu saía de lá...eh...

(...)ele ataca qualquer na...na...ela tando sozinho...hummmm...quem tá sozinho ele vem mesMO::aí::e mata o cara mermo::eh...ele grita...muita gente ainda não viu e nem quer ver...porque...porque::quando eles tavam tirando...eles cansaram de ver...grito do...do::sendo... dentro do mangal...aquele grito muito FEIO... (...) ele judia do...do: dos homem...ele INVADE mesmo...eh...invade...agride mermo...e mata mermo...bicho pretão medonho... (...)eh só no mangal...eh porque eh invisível...a gente não vê...eh só no mangue...eh nessas...tem muita ilha...dentro dos mangal né...

Alguns termos sublinhados nos demonstram algumas representações, fruto de um processo dialógico entre as intersubjetividades. Seu Paquinha fala que a narrativa do Ataíde foi passada pelos avôs, uma tradição transmitida por aqueles que trabalhavam no mangue, uma forma de aprendizagem que interfere diretamente na sociabilidade, de como se adentrava o mangue (sozinho ou em companhia). Um elemento que se repete

⁶ A transcrição grafemática foi realizada de acordo com as normas de transcrição extraídas de Castilho & Preti (1986). *A linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, p. 9-10.

nas narrativas, como se poderá perceber nas próximas é o enunciado: “eu nunca vi e nem desejo”. O advérbio de negação ‘nunca’ já nos aponta para a reflexão de que ver o Ataíde não é bom, pois, se pressupõe logo que, se alguém encontra com o Ataíde, algo ele faz à pessoa. E isso diz respeito à imagem homoerótica, já que, na relação sexual homoerótica têm-se a junção de pessoas do mesmo sexo. Seguidamente, verifica-se que quando se pede para contar uma história de alguém que tenha visto o Ataíde, o personagem principal é sempre o outro e não o narrador, assim como, o narrador na maioria das vezes está fora da narrativa, e não se compromete “eu digo porque eles diziam”. A memória de Seu Paquinha nos traz uma versão diferente do Ataíde, no qual, ele se encontrava com uma mulher metamorfoseado em seu marido, e com esta teve um filho. Quer dizer, sugere-se uma situação de adultério, mas, no segundo parágrafo são descritas as características físicas do Ataíde (homem, preto e grande), assim, há uma associação de virilidade masculina ao homem negro, no qual, o falo exerce uma imagem subjetiva de poder em decorrência do tamanho. Seu Paquinha mediu as palavras por conta de minha presença e gênero, pois, como falar para uma mulher que o Ataíde possui um pênis de grande tamanho? Tanto que, ele não cita essa característica que é um dos elementos indissociáveis à imagem do Ataíde, contudo, no terceiro parágrafo ele indica nos termos “invade”, “agride” as ações do mito.

A segunda narrativa é do Seu João Paca, e como o nome já remete, é filho do Seu Benedito (Paquinha) e Dona Raimunda, tem 55 anos de idade, começou a tirar caranguejo com aproximadamente 10-11 anos de idade, profissão que aprendeu com o pai. E da mesma forma, não trabalha por falta de condições de saúde. Em relação às questões físicas que a coleta de caranguejo demanda de seus executores, será abordada *a passant* na terceira narrativa. Dentre as várias narrativas que Seu João Paca conta, escolheu-se a história do Ataíde que ele ouviu na época que estava pescando. “Escutemos”:

(...) eu já vi... eu já vi... já vi não...eu já escutei (...)eu tenho tio que mora ali...que ainda conta essa história...um que anda de cadeira de roda ali...nós tava pescando pra Bossa Nova...tinha...bem na boca do furo...que vara pro quatipuru...praia...tinha um rancho lá... aí tinha só um velhinho lá...nós encostemo lá de maré grande...conversando lá...o velhinho tava dizendo... que lá nesse rancho uma vez... encostou uns::: caiqueiro...sabe...era bem uns cinco...então::: todo dia ficava um rancheiro lá...que eles deixavam o peixe salgado lá no rancho... toda noite ficava um

lá... e o resto ia pescar...quando vinha...cuidava do peixe...quando foi uma noite diz que...ficou um...quando eles saíram...quando foi umas oito horas da noite diz no luar grande...ele disse que lá vinha uma mulher...lá pro pancada né... na proa...veio:...subiu...falou com ele...diz que mulherão...diz que muito bonita a mulher...ixi e ele ficou já...diz que ele nem cismava mais...nem cismava nada...diz que era BRANCA...diz que era bem loira...a...a muleca...mulherão mesmo... e ele pensava que era mulher daí da Bossa Nova...que a Bossa Nova ficava mais aí em baixo né...do furo... ela veio pedir uma bóia pra ele...ele disse pôs não...pode tirar aí...o monte de peixe que tava lá...não... tire aí pra mim...pegou...enfio o peixe numa cambada bacana...deu pra ela...desceu... diz que quando ela desceu na escada no rancho...diz que o rancho balançava...mas ele não cismou nada...quando foi noutra noite... ele ficou de novo... foi quando ela BATEU no mesmo horário...pedia a boia...e também num escassava pra ele vai esperar desse que tem um coração bom também né...aí veio...deu do peixe de novo...quando os pessoal chegaram...ele contou...sempre no meio da turma tem um gaiato (risos) né...ele contou...rapaz o que tu fez com ela... só dei o peixe pra ela... mas rapaz tu é mole...pra mulher... pois hoje quem vai ficar aqui agora é eu... o...o Arrai da pescaria disse...rapaz tu não sabe o que é...QUE NADA rapaz...se ela vim aqui...comigo tudo é duro... tá bom...então fica...ele não queria deixar ele... ficou... ele sentou lá no rancho... acendeu um cigarro...olhando né...com interesse já na mulher...inuído pra ela vim...quando foi no horário certo mesmo ela bateu lá... aí diz que já veio mais bonita já ela... pra ver né...o bicho já sabe...envesseja uma coisa...diz que muito bonita a mulher...chegou...conversaram...conversaram...aí tocou no assunto com ela...aí ela disse que ía deixar o peixe lá e volto...ele disse tá bom e ficou muito alegre...aí ela desceu e foi embora...demorou aí lá vem ela...com um meninozinho assim...pretinho...vinha com um meninozinho... quando acaba era o chefão...só que ele se transformou numa criança...chegou no...no rancho e olhou...e disse olha aqui ele... o cara quando ele olhou pra cima...custou de vê o monstro de homem...aí entraram...ele entrou dentro do rancho... aí foram vadiar no telhado...mas num aguentou não...pegaram ele...esse bicho pegou ele e saiu...pessoal chegaram...só rancho esbandalhado em cima e...por onde ele ía...íá arrebetando a raiz e ía levando com tudo... aí ele correu no furo novo...o pessoal vieram pra mais de quarenta macho...atrás dele...num acharam...quando foi no outro dia eles foram... deram desde de manhã...quando foi meio-dia acharam ele...já tava morto...esbandalhado...já tava morto já...invadiu ele...esbandalhou tudinho...quebrou... esse rancho esbandalharam de

lá...pra ninguém ficar mais lá...mais o que faz isso é a duvidação né...por isso que digo...todos lugar tem seu dono...o ataíde... a curupira...são dono do mangal...

(...) esse negócio desse bicho...ele se transforma na pessoa...e vai saindo no mangal pra vê se a pessoa vai atrás...eh...(...)de qualquer pessoa ele se transforma...pa enganar...

Seu João Paca conta a versão do Ataíde, no qual, ele está acompanhado de uma mulher. Contrariamente às características do Ataíde, ela é “loira” e “branca”, isto é, indica qual o ideal do que seja uma mulher “bonita” para eles, voltada para um tipo físico de matriz europeia. Note-se no início da narrativa a hesitação dele ao assumir que já viu, ou melhor, “escutou” de alguém sobre o Ataíde, novamente, a perspectiva de distanciamento daquilo que não é bem visto no seu grupo social. A transmissão oral da história deu-se no momento de descanso na pescaria, mais uma vez a tradição ligada à uma forma de aprendizado. Aqui, o Ataíde estava metamorfoseado em criança para ludibriar o pescador, a mulher que acompanha o Ataíde configura um elemento incitador que atrai os homens para servi-los ao Ataíde. Dito isto, observa-se na narrativa quando o Seu João Paca chama a atenção para o pescador que deu o peixe para a mulher, referindo sentimentos “coração bom”, e que por não assediar a mulher foi julgado pelos companheiros “mas rapaz tu é mole”, apontando para o fato de que o homem deve insinuar desejo por uma mulher, caso não o faça, é visto como sinal de fraqueza masculina. Enquanto que, o segundo disse “comigo tudo é duro”, o adjetivo reitera termos da imagem masculina de virilidade. Nesta situação, o mais “macho” não tem um bom final, já que, foi pego pelo Ataíde. Seu João Paca emprega, então, os vocábulos “invadiu”, “esbandalhou”, “quebrou” para sugerir que o pescador havia sido estuprado pelo Ataíde e, ainda, releva o porquê do mal feito “isso é a duvidação”. Deste modo, compreende-se que o mito é algo que deve ser respeitado e aqueles que trabalham no manguezal, território do Ataíde, como ele próprio refere como “dono do mangal” devem seguir os ensinamentos trazidos pelas narrativas orais. O Ataíde é a representação daquilo que os homens da comunidade repugnam: as relações homoeróticas. E, se eles não seguem o que foi passado pelos antigos ocorre um dano, neste caso, o aparecimento e ataque do Ataíde. Pois a narrativa representa um modelo social podendo negar esse modelo ou ratificá-lo.

Por fim, a última narrativa oral é de Adailton conhecido como Amarelo, com 25 anos de idade é tirador de caranguejo. É o único de nossos narradores que atualmente

realiza a coleta de caranguejo como forma de sustento da família. Adailton começa sua narrativa esboçando as dificuldades do trabalho:

(...) *eh um serviço peSADO... eh muito pesado::... só trabalha ali atOLADO ali todo tempo (...) a gente:: sofre muita dor de coluna nesse serviço... de muito peso que a gente carrega (...)rapaz:: eu...eu que num fumo...eu passo...passo por muita dificuldade no mangue olha...porque tem muito inseto no mangue...hummm... cara...eu trabalho muito aperreado...*

(...) *o atAÍDE (risos)... diz que é um::um bicho que tem dentro do mangue...que... eu nunca vi nem desejo...a senhora não ouviu a história do Ataíde não?...alí em Bragança fizeram até um carnaval... saiu até um garotão lá foi vestido de Ataíde (risos)...diz que ele é um neGÃO ele... ele agarra as pessoas... diz que dentro do mangue::e... faz o que não deve entendeu?...estrupa diz que os...aconteceu isso aí... aQUI NÃO né... né nem bom acontecer... aconteceu distante daqui já isso... a gente sou...só histórias que a gente vê contado aí... esse bicho né... só que::: a gente trabalha meio CISmado lá dentro do mangue...porque eh deserto alí né... a gente não vê nada alí... vê só uns pássaros mesmo e::: o guaxini e o macaco também a gente sempre vê...(...) eu já corri já (risos) dentro do mangue... estava tirando caranguejo eu e meu primo na beira dum... duma pancada... foi assim... foi umas quatro horas da tarde... nós tava lá tirando de boa né... nós fumo dá a última caminhada... a gente tava tirando lá de cabeça baixa... lá tirando aí... de repente a gente vemo aquele BARUlho...um barulho esquisito...como se fosse uma pessoa que tivesse morrendo... gemendo...deSESPERada alí...como se tivesse morrendo mesmo...aí eu gritei pro meu primo...EH seu primo...ah eh o Bicho...nós se atrepemo...porque a raiz do mangue é alta né?... se atrepemo em cima das raízes assim...fiquemo olhando:: assim pra frente...pra onde tava gemendo... só que tava gemendo atrás de uns mangue baixinho assim que tinha né...tava gemendo lá no meio daqueles mangue baixinho... tava REMEXENDO aqueles mangue lá assim...e aquele bicho gemendo gemendo gemendo...eu disse eh seu primo LÁ VEM O BICHO... e eu todo tempo olhando pra lá né...quando eu olhei pro meu parceiro... o meu parceiro já ía corren::do... rapaz e eu também olha (estala os dedos indicando rapidez) foi... nós saímos correndo...pulando em cima das raízes igual macaco...foi...correndo mesmo feio aí (risos)...nós não vimos nada...só vimo esse barulho só... eh gemendo e aqueles...aquelas pé de mangue assim dessa altura assim (mostra o tamanho)...mexendo assim...e o macaco por cima aí*

doidinho GRITANdo aí... (...) EH diz que ele é negão ele...o pênis dele diz que eh enrolado por aqui (mostra o pescoço)... assim a história rola né dele...eu nunca vi não...rapaz ele eh um negão TARADO ele faz...faz o que não deve...assim o pessoal dizem né...

Adailton frisa as intempéries que circundam o trabalho no mangue, fato que pôde ser verificado na etnografia, pois, praticamente todos os moradores que tiravam caranguejo sofrem algum problema de saúde devido ao trabalho. A força braçal que o trabalho exige é constante a partir do momento que se adentra no mangue, como ele diz, os caranguejeiros ficam “atolados” na lama do manguezal, isso significa ter que suportar o próprio peso e as cambadas de caranguejo, assim como, as condições naturais do ambiente.

Retomando as outras narrativas, o enunciado de distanciamento permanece “eu nunca vi e nem desejo”, e presente também no ato de narrar, Adailton expressa muitas risadas em seu discurso, uma forma que demonstra certo receio e ao mesmo tempo acanhamento em tratar do assunto. Mas, diferentemente de Seu Paquinha e Seu João Paca, ele utiliza a palavra “estupro” e “pênis”, antes, empregou “agarra”, “faz o que não deve” imprimindo cautela frente à minha presença, é possível, que estivesse mais à vontade porque havia um colega ao meu lado e acrescenta “negão tarado”, isto é, através do adjetivo ‘tarado’, o seu ponto de vista está presente em sua narrativa. Apesar de Adailton descrever como é o Ataíde e o que ele faz, frisa que não o viu, só ouviu seus “gemidos”, haja vista que é o protagonista de sua narrativa.

Outro elemento pertinente no discurso é a locução “diz que”, construindo um enunciado, no qual, não há comprometimento, traz-se a ideia de que alguém/outra, falou do enorme tamanho do pênis do Ataíde, mas, eu (enunciador) nunca vi “assim a história rola”; percebem-se também as gírias, marcas de sua fala. Assim, Adailton tece sua narrativa mostrando que o ambiente do mangue é misterioso, por isso, ele trabalha “cismado”, quer dizer, desconfiado, sempre à espera que algo aconteça.

Desse modo, a seleção de três narradores serve para confirmar tanto os aspectos fixos relacionados à imagem do Ataíde (seus traços físicos e a maneira como ataca os homens), assim como, as diferentes versões construídas pelos sujeitos citados.

Logo, o narrador constrói seu discurso tendo em vista um interlocutor ou narratário e sua subjetividade dialoga com as subjetividades daqueles que estão

próximos a ele, e também em relação a outros grupos sociais, daí a intersubjetividade, dessa forma, o sujeito traça sua teia de intencionalidades. Nesse sentido, captar os gestos, a *performance* do narrador, entre outros é conseguir abstrair o máximo de pistas daquilo que o narrador quer dizer ou não. Pois houve a presença de pausas e silêncios nos discursos, principalmente, quando perguntava sobre algum homoerótico assumido ou não da comunidade. As narrativas do Ataíde sugerem o ato sexual entre dois homens, contudo, isso está situado apenas no ato de narrar, o dito. Os não-ditos, por sua vez, são as relações homoeróticas que ocorrem cotidianamente no trabalho, na comunidade.

III. Imaginário: mito e realidade

Não seria o mito ainda mais verdadeiro por permitir que a história real adquirisse um significado mais rico e profundo, revelando um destino trágico?

Mircea Eliade

Ancora-se na concepção de imaginário de Gilbert Durand, no qual, o imaginário é considerado “o ‘museu’ de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 2010, p. 6). É nesse pluralismo de imagens que o mito ocupa lugar privilegiado. Não é por acaso que Durand apoiou-se em autores como Gaston Bachelard e Mircea Eliade para conjeturar sua proposta acerca do imaginário, pois o estudo bachelardiano concentra-se em ressaltar que as imagens poéticas possuem uma matéria, ou seja, a imaginação, os devaneios, os sonhos e o mito se constituem das impressões dos indivíduos, de uma via material. Nas suas palavras:

A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam*⁷ a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade. Um homem é um homem na proporção em que é um super-homem. Deve-se definir um homem pelo conjunto das tendências que o impelem a ultrapassar a *humana condição* (BACHELARD, 1997, p. 17-18).

Portanto, o manguezal (fig.2) é uma das materialidades básicas da vida do coletor de caranguejo (fig.3 e 4), mas, é a partir daí que ele constrói suas outras materialidades, como o Ataíde, suas subjetividades, suas sociabilidades. O manguezal é

⁷ Grifos do autor.

também um espaço de sociabilidade, na medida em que os coletores constroem suas relações de amizade, seus vínculos afetivos. É neste lugar que eles dialogam acerca de suas vidas, dos acontecimentos na comunidade. Os caranguejeiros dificilmente adentram sozinhos o mangue; está acompanhado impede o ataque do Ataíde. Por isso, o mito está intimamente ligado ao seu cotidiano, à sua vivência perto das águas, das raízes do mangue. E, as narrativas só têm razão de ser porque são apreciadas pelos membros da comunidade, tem uma função social. É nesse contexto que Mircea Eliade insere-se com o estudo do mito. O autor afirma que o mito possui significados, “um complexo sistema de afirmações coerentes sobre a realidade final das coisas, um sistema que pode ser visto como aquele que constitui a metafísica” (ELIADE, 1992, p. 17).

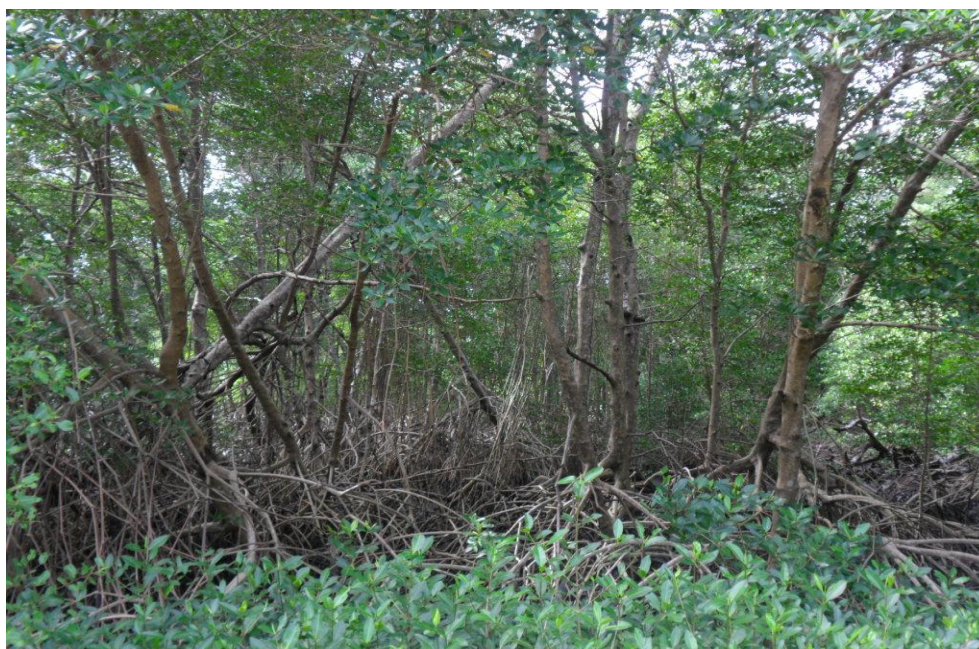


Figura 2: Raízes do manguezal, Camilla Souza.

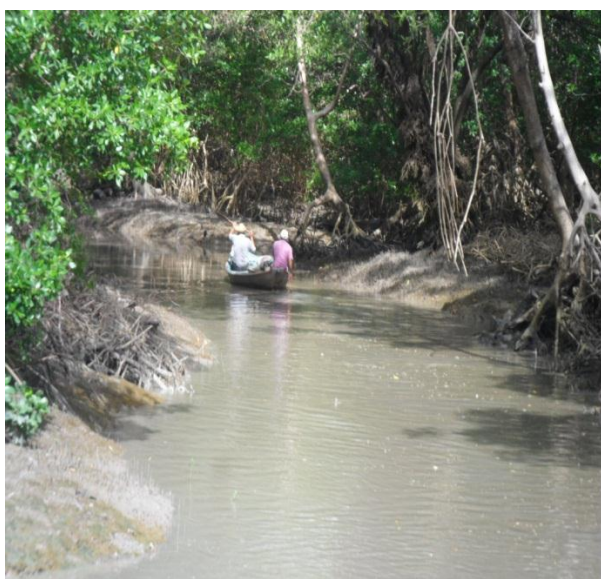


Figura 3: Tiradores de caranguejo adentrando num furo, Camilla Souza.



Figura 4: Caranguejeiro com duas cambadas de caranguejo na estrada, Camilla Souza.

Para Eliade “ainda que não exista a palavra, a coisa está presente; só que ela será “dita” – isto é, revelada de forma coerente – por meio de símbolos e mitos” (ELIADE, 1992, p. 17). Portanto, o mito é uma imagem criada pelos coletores de caranguejo para desvelar as relações homoeróticas, é claro, que os valores atribuídos à estas relações superam a ideia de apenas contato sexual entre homens, mas, uma prática depreciada por parte dos moradores de Bacuriteua. No entanto, um dado abstraído da etnografia revelou que o trabalho de coleta de caranguejo era feito pelos homens totalmente desnudos, então, em que medida isso interferia nas relações sociais dentro do mangue é o que se procura saber com o andar da pesquisa. Assim, reflete-se que valores eram atribuídos e como se davam as relações homoeróticas no trabalho de coleta do caranguejo nesse período específico onde “antigamente iam tudo nu, só com dois saquinho nos dedo”. As narrativas carregadas de imagens, por vezes divergentes, é a forma que os sujeitos utilizam para materializar suas práticas, não significa dizer que quem narra o mito do Ataíde seja um homoerótico, porém, eles narram porque compõem e recompõem suas subjetividades, resultado de suas práticas cotidianas nas relações dialógicas entre eles e os próximos e os outros grupos sociais, o elo entre o dito e o não-dito.

À guisa de conclusão

O presente artigo utilizou as narrativas orais dos sujeitos descritos para penetrar nas categorias de gênero e imaginário evidenciando o processo criativo de subjetividades, imagens, práticas coerentes, situações não-ditas, características do fazer humano. E por algum tempo, a ciência cartesiana desconsiderou essas linguagens, esses saberes. E o cotidiano nos desvela mil e uma imagens e possibilidades que não se pode abarcar por completo. Por isso, é importante termos a noção de que “somente o outro pode dizer e os outros são nossos espelhos muitos, mas nas relações com eles é preciso estar aberto à diferença para que o praticamente imudado se torne mudado” (GERALDI, 2003, p.54). O trabalho que ora expomos, apresenta-se como uma possibilidade de leitura do mundo para que novos diálogos possam ser abertos.

O imaginário acerca do Ataíde pode indicar aspectos de relações homoeróticas e as diversas subjetividades dos narradores. Contudo, a análise não pretende apontar quem são os homoeróticos da comunidade ou mesmo induzir à uma percepção puramente de sexualidade ou de gênero, ao contrário, o gênero se configura na pesquisa enquanto uma interface de categoria de análise das relações de trabalho, demonstrando

as “capacidades inventivas dos indivíduos”. E que o manguezal, assim, como as águas não são a realidade, mas existem somente pelo ato de criar do homem que significa, simboliza, imagina.

Bibliografia

ARAÚJO, A.F.; TEIXEIRA, M.C.S. *Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 7-13, out./dez. 2009.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 15-60.

CANCELA, C. D. ; SILVEIRA, F. A.; MACHADO, A. *Caminhos de uma pesquisa acerca da sexualidade em aldeias indígenas no Mato Grosso do Sul*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2010, v. 53 nº 1.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. artes de fazer*; trad. Ephraim Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. Trad. José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 28 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GERALDI, João Wanderley. *A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética*. In: FREITAS, M. T.; JOBIM, S.; KRAMER, S. (orgs.). *Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.

MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Simmel – Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34. 1983, p.182-188.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, Educação e realidade. Porto Alegre, 16 (2), jul-dez, 1990, p. 71-98.

SOARES, Lenin Campos. *Homoerotismo e homossexualismo, a historicidade de um conceito*. In: Artciencia.com, ano 3, nº 7, março 2008. Disponível em: <www.artciencia.com/Admin/Ficheiros/LENINSOA379.pdf>.